

As metáforas no discurso de/sobre André Ventura: as metáforas que constrói André Ventura e as que constroem sobre ele

The metaphors in the speech of/about André Ventura: the metaphors that André Ventura constructs and those constructed about him

MENESES SILVA, ANA
SOFIA
asmsilva@letras.up.pt

Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP)

PALAVRAS-CHAVE:
Linguística Cognitiva;
Análise Crítica do Discurso;
Metáfora conceptual;
Metáfora situada;
Discurso Político
Parlamentar.

RESUMO: Através de uma abordagem interdisciplinar entre a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica do Discurso, visamos identificar e analisar metáforas conceptuais e situacionais presentes nas intervenções do deputado André Ventura na Assembleia da República Portuguesa e em tweets quer da conta oficial do deputado quer de outras contas que publicam comentários sobre ele. Para isso, recolhemos dados de 15 relatórios do Diário da Assembleia da República e de 98 tweets, procedendo, depois, à anotação manual das metáforas e à sua pesquisa através do domínio alvo. Os resultados mostram um grande número de metáforas conceptuais nas suas intervenções, onde funcionam como um ataque ao adversário político, e de metáforas situadas nos comentários do Twitter, construídas discursiva e cognitivamente pelos utilizadores da rede com base em pressupostos culturais. Concluiu-se ainda que a retórica metafórica no discurso populista representa uma poderosa estratégia discursiva, permitindo jogos de poder nas interações políticas, manipulações discursivas e desencadeamento de emoções.

KEY-WORDS:
Cognitive Linguistics;
Critical Discourse Analysis;
Conceptual metaphor;
Situating metaphor;
Parliamentary Political
Discourse.

ABSTRACT: Through an interdisciplinary approach between Cognitive Linguistics and Critical Discourse Analysis, we aim to identify and analyse conceptual and situational metaphors present in the interventions of MP André Ventura in the Portuguese Parliament and in tweets both from the MP's official account and from other accounts that publish comments about him. For this purpose, we collected data from 15 reports of the Assembly of the Republic Diary and from 98 tweets, then proceeded to manually annotate the metaphors and to search them by target domain. The results show many conceptual metaphors in their interventions, where they function as an attack on the political opponent, and of situated metaphors in Twitter comments, discursively and cognitively constructed by network users based on cultural assumptions. It was also concluded that metaphorical rhetoric in populist discourse represents a powerful discursive strategy, allowing power plays in political interactions, discursive manipulations and triggering emotions.

1. Falamos desta entrevista <<https://correiodominho.pt/noticias/estudo-da-um-discurso-parlamentar-esta-mais-agressivo/69762>> [último acesso em 1/2/2023].

2. Para uma distinção entre *ad hominem* e *ad personam* ver Marques, Duarte e Seara (2019).

3. Para um levantamento destes, basta fazer uma pesquisa num motor de busca “insultos no parlamento português” para darmos conta de várias notícias que abordam estes assuntos. Veja-se, por exemplo, <<https://www.tsf.pt/portugal/politica/maria-jose-nogueira-pinto-chama-palhaco-a-deputado-socialista-1442801.html>> [acesso em 1/02/2023].

4. Se for realizada uma pesquisa por palavras no DAR como “mentiroso” é possível encontrar, por exemplo, “A Sr.^a Ana Catarina Mendonça Mendes (PS): — Mentiroso!” (DAR, XIV legislatura, reunião plenária de 6 de maio de 2021, p. 61).

5. Rolo Duarte, António. (2017, julho 9). O país onde o populismo continua impopular. Público. <<https://www.publico.pt/2017/07/09/politica/analise/o-pais-onde-o-populismo-continua-impopular-1777639>> [acesso em 1/02/2023].

1. INTRODUÇÃO

Em 2013, Maria Aldina Marques, cujos contributos para o estudo do Discurso Político Parlamentar são altamente relevantes, afirmou numa entrevista ao *Correio do Minho*¹, baseando-se nas intervenções dos deputados na Assembleia da República Portuguesa (ARP), que “o discurso parlamentar está mais agressivo”. De facto, no discurso político, nomeadamente no âmbito parlamentar, onde se proporciona um ambiente de manifestação e protesto, o insulto é uma estratégia argumentativa que cumpre diferentes funções pragmáticas. Como explicam Marques, Duarte e Seara (2019, p. 129), “os diferentes locutores falam em nome de um coletivo que se sente prejudicado por quem o deveria servir”, e, por isso, como são traços discursivos previstos neste contexto, os insultos são tolerados, ainda que sejam contestados pelos adversários.

Se o tom agressivo é nitidamente visível em ataques ao carácter pessoal do tipo *ad personam*², através do recurso a adjetivos e nomes, muitas das vezes, pouco elogiosos – “arruaceiro”, “palhaço”³, e mesmo, “mentiroso”⁴ e “mal-educado” –, é possível que sejam usados outros recursos linguísticos, como as formas de tratamento que, ora constroem, ora desconstroem a imagem do adversário (*idem*, p. 131). Ou, como viemos a verificar, a constante desvalorização do estatuto deste, através da descredibilização das suas funções políticas: “O Sr. André Ventura (CH): O senhor é Primeiro-Ministro de Portugal, não é historiador (...). Seja Primeiro-Ministro por um dia! Seja Primeiro-Ministro e não «último-ministro».” (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 22 de junho de 2022, pp. 11 e 12).

Em 2017, António Rolo Duarte considerava Portugal como “o país onde o populismo continua impopular”⁵, tendo em conta que vários movimentos populistas adquiriam uma relevância assinalável pelo mundo fora, ao passo que, em Portugal, se verificava uma fraca adesão ou,

apenas, “ameaças tímidas” (Duarte, Pinto e Salgado, 2019, p. 53). Apesar de mais tardio, é em 2019 que um movimento de extrema-direita emerge: o CHEGA! (CH), liderado pelo deputado André Ventura (AV) que se tem vindo a “celebrizar” por proferir sistematicamente declarações controversas, xenófobas, anti-imigração, anticorrupção e pelos frequentes ataques aos candidatos e partidos⁶. O estudo da metáfora, e não de outro recurso linguístico, nas intervenções de AV e em tweets sobre AV surge por acreditarmos que estas funcionam, ainda de forma subtil, como verdadeiros insultos.

O presente trabalho, situado entre uma perspetiva discursiva, da Análise Crítica do Discurso (ACD) e, cognitivista, da Linguística Cognitiva (LC), tem como *corpus* 15 documentos do Diário da Assembleia Portuguesa (DAR) contendo intervenções de AV na ARP entre 2020 e 2022 e 98 tweets publicados entre 2019 e 2022, extraídos da conta oficial do Twitter de AV e das contas de outros locutores que publicam comentários sobre AV, com os objetivos de fazer (1) a identificação e a interpretação de metáforas verbais (i) que AV utiliza na ARP e na sua conta do Twitter (de mencionar que os tweets da sua conta serão apenas considerados na discussão sobre AV como um político populista na secção 3) e (ii) que outros locutores utilizam para falar dele nas suas contas do Twitter; (2) explicar o papel da metáfora no “jogo de ataques e agressões” e de que forma ela manifesta a sua força persuasiva nos vários contextos de uso mapeados. O presente estudo é constituído da seguinte forma: na secção 2, faremos um breve enquadramento teórico, situando a metáfora na LC e procurando traçar um caminho comum com a ACD; logo de seguida, na secção 3, destacaremos algumas características populistas presentes nas intervenções na ARP e tweets de AV e, mais à frente, na secção 4, explicitaremos a metodologia utilizada na identificação e análise das metáforas; na secção 5, teremos a apresentação e discussão dos resultados. Por fim, na secção 6, teceremos algumas considerações finais.

6. Embora outros movimentos tenham antecedido este, conforme Duarte, Pinto e Salgado (2019, p. 37), o Partido do Nacionalismo Renovador (PNR), o Portugueses Primeiro (Associação de Iniciativa Cívica) e a União das Famílias Portuguesas, o Chega ganhou mais expressão, contando até na atualidade com doze deputados na ARP.

2. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E A LINGUÍSTICA COGNITIVA: A METÁFORA COMO PONTO CONVERGENTE

A promissora convergência entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Linguística Cognitiva (LC) foi já atestada em diversos estudos, tais como: Soares da Silva (2013, 2015, 2016), Gonçalves-Segundo (2014, 2020), Vereza (2007, 2010, 2013) e Langan e Llundain (2019). Este trabalho, embora vise contribuir para a literatura existente neste âmbito, destaca-se ao tratar o discurso político português.

Tradicionalmente, a metáfora era concebida como um recurso expressivo que produz sentidos através da comparação ou relações de semelhança entre as palavras e ideias. Ruiz de Mendonza (2014) considera, inclusive, o seu uso como um “desvio ornamental”, daí que na literatura esta adquira um valor essencialmente estético e expressivo. Já na perspectiva da LC, a metáfora consiste num fenómeno que envolve processos do pensamento comum que mostram como expressamos ideias e emoções na linguagem corrente (*idem*, p. 188). Portanto, nesta perspectiva, a linguagem encontra-se de mãos dadas com o pensamento.

A ideia de que a metáfora é uma construção do mundo e não apenas “mera linguagem” foi impulsionada por Lakoff e Johnson (1980), com o célebre estudo pioneiro *Metaphors We Live By*. Segundo os autores (*idem*, p.124): “If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor”. Defendem ainda que o uso de metáforas é fruto de domínios cognitivos distintos, sendo a linguagem verbal⁷ umas das formas como este se materializa. Aliás, Soares da Silva (2015, p. 5) defende que “mais do que instrumento retórico, a metáfora é um fenómeno conceptual por natureza, um mecanismo cogn(osc)itivo, um modo natural de pensar, falar e agir”.

7. Deixamos apenas a ressalva de que a metáfora pode ser expressa noutras variedades semióticas, embora apenas caiba, no âmbito deste trabalho, aplicada à linguagem verbal. Para um trabalho que se debruça sobre uma análise multimodal da metáfora, nomeadamente, verbal e visual, ver Gonçalves-Segundo (2016): “Metáforas Pictóricas e Multimodais em Campanhas contra o Dengue no Brasil”.

A Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) vem revolucionar a visão sobre a metáfora, conforme Geeraerts (2006, p. 11): “Conceptual Metaphor Theory occupies a major place in the cognitive linguistic research program”. Nesta, os autores defendem que o processamento metafórico ocorre através de um mapeamento (*mapping*) com a interação de dois domínios conceptuais: o domínio fonte/origem (*a source domain*), que deve ser conhecido (e reconhecido pelo interlocutor) e um domínio-alvo (*a target domain*), mais abstrato, não corporificado, que consiste na ideia que se pretende explicar pela metáfora (Gonçalves-Segundo, 2014, p. 36). Isto é, temos uma “fonte”, que é usada para falarmos sobre um “alvo”. Assim, em O AMOR É UMA VIAGEM - LOVE IS A JOURNEY (Lakoff e Johnson, 1980, p. 129), estamos perante uma metáfora conceptual cujo domínio-fonte é VIAGEM e o domínio-alvo é AMOR que pode ter diversas realizações linguísticas tais como “Estamos a ir demasiado depressa”, “Chegamos a um beco sem saída” e, ainda, “Olha ao ponto a que a nossa relação chegou”. Este é o típico esquema de metáfora conceptual, X É Y, em que Y é a fonte (VIAGEM) e X o alvo (AMOR). Estabelecemos uma correspondência ontológica entre os nossos conhecimentos de VIAGEM e a noção abstrata de AMOR, na qual os amantes correspondem a viajantes. O domínio fonte tem necessariamente de ser reconhecido pelos interlocutores, caso contrário a reconstrução metafórica não vai ocorrer, porque não terão os conhecimentos da fonte para compreender o alvo. Aliás, de acordo com Soares da Silva (2015, p. 5), “tomamos uma realidade que conhecemos (ou pensamos que conhecemos) melhor como ponto de referência, como modelo para compreendermos fenómenos complexos”.

Interessa-nos também fazer uma distinção entre metáfora conceptual e situada. Vereza (2013) faz uma descrição clara de ambas.

Como vimos, a metáfora conceptual está inserida a nível cognitivo na dimensão do sistema conceptual socialmente compartilhado que, de acordo com a autora (*idem*, p. 4), é parte do “pensamento coletivo, inconsciente, formador de e formado pela cultura”, sendo por isso, mais estável.

Quanto à metáfora situada, a autora explica que esta estrutura cognitivamente textos específicos, integrados numa espécie de “nicho metafórico” (Vereza, 2010, p. 209), cujo mapeamento é episódico e localizado, podendo ser compartilhada até se tornar automática e inconsciente. Este tipo de metáfora, embora mais instável, construída deliberadamente a partir de um processo criativo, precisa de ser explicitada linguisticamente por ser episódica, isto é, construída localmente no texto. A construção cognitiva da semelhança é descodificada pelo sistema conceptual em que se insere. Para ilustrar, em tweets do nosso *corpus* verifica-se “o André Ventura é tipo o Salazar de marca branca” e “André Ventura é tipo a imitação barata do Trump”, em ambos os casos os domínios fonte correspondem a entidades políticas e, simultaneamente, a produtos. Ora André Ventura é uma “marca branca” de Salazar, por ser culturalmente associado a um produto mais barato e com menos qualidade, ora é “imitação barata” como se tratasse de uma cópia, um produto de contrafação, de Donald Trump. A nível cognitivo, este tipo de metáfora está presente na linguagem em uso e não num sistema, contrariamente à metáfora conceptual. Na verdade, são novas metáforas que emergiram da Teoria da Metáfora Deliberada (Steen, 2011).

Concordamos com Soares da Silva (2015, p. 6), quando advoga que a metáfora é inteiramente contextualizada, de modo que o seu estudo não pode ser desligado do contexto sociocultural nem da interação social discursiva que esta se insere. Quando se debruça sobre a metáfora no discurso político, o autor afirma que esta não é apenas meio de conhecimento e compreensão

do mundo (como produto de cognição partilhada), como também é “estratégia de persuasão e manipulação emocional e ideológica” (*ibidem*).

3. O DISCURSO DE AV COMO UM DISCURSO POPULISTA

A ACD constitui uma abordagem eficaz para a análise do discurso político, já que se afigura como uma abordagem que tem em conta “linguagem, poder e ideologia” Fairclough (1995). De igual modo, Michel Pêcheux (1975) refuta a ideia de que a linguagem é apenas um mero instrumento de comunicação, uma vez que assume que a ACD é um domínio onde se intervém não só de forma teórica, mas também prática, capaz de mudar a vida social para melhor. Chilton (2004, p. 205) vai mais longe, vendo a ACD, por si só, como uma forma de ação política, já que se foca na linguagem como parte da sociedade. Por outras palavras, esta abordagem não investiga a língua como um fenómeno mental, mas social. Assim, acreditamos verdadeiramente que esta contribui para a compreensão do discurso político, onde se inclui o populista, na medida em que assume o discurso como objeto teórico que estuda a relação necessária entre aquilo que é dito e as suas condições de produção, por exemplo, de que maneira é que implica a sociedade.

Mendes (2020) e Parrança (2022) atestam que as mensagens difundidas nos discursos de AV, quer nas redes sociais, quer nas eleições presidenciais de 2021, seguem padrões típicos do populismo. Não obstante, propomo-nos, privilegiando uma abordagem pragmática-discursiva, realçar algumas das características que consideramos como as mais “flagrantes” por nós analisadas, quer nas intervenções de AV na ARP, quer na sua conta oficial do Twitter. Para tal, servimo-nos de excertos retirados do *corpus* constituído, que será explicado mais adiante, na secção 4.

Começamos pela postura de “homem providencial” (Parrança, 2022) com que se apresenta AV: homem virtuoso e íntegro, o único que pode salvar Portugal da desordem social e do caos político gerado na III República, ao longo de quatro décadas. Ora não fosse a sua biografia na sua conta oficial no Twitter (@AndreCVentura): “Incansável no propósito de mudar Portugal.” e a referência direta à necessidade de mudança do país constante nos seus tweets:

[@AndreCVentura] Hoje começou um projeto político nacional que não é para distribuir tachos, nem para alimentar egos, nem para empregar familiares. É para salvar Portugal! Obrigado portugueses! (André Ventura, 7 de outubro de 2019)

O único com coragem para dizer a verdade:

O Sr. André Ventura (CH): (...) os portugueses sabem que temos razão, os portugueses sabem que só há um partido capaz de dizer a verdade inquestionável, incontornável e clara como água em Portugal. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 14 de setembro de 2022, p. 29)

E, ainda, o único que pode representar a voz do povo:

O Sr. André Ventura (CH): Passaram anos demais sem que os portugueses tivessem uma voz aqui dentro. Agora, aqueles que nos estão a ver sabem que há alguém que enfrenta o Partido Socialista e que enfrenta o Governo e sabem que podem contar connosco para essa tarefa, quer o PS goste, ou não, quer o PSD goste, ou não, quer nenhum outro partido goste. Nós só dependemos de uma entidade: chama-se povo português. E temos muito orgulho nisso! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 6 de julho de 2022, p. 41)

A revisão da Constituição Portuguesa e, conseqüentemente, a criação de uma 4ª República, porque “a atual já não serve”⁸ e está esgotada⁹, é, aliás, uma das medidas que AV propõe no projeto político que tem para Portugal. A insatisfação que sente face ao constitucionalismo atual ficou bem patente no seu discurso da Sessão Solene Evocativa de Aprovação da Constituição de 1822:

O Sr. André Ventura (CH): O que celebramos com o constitucionalismo são as barreiras

8. MadreMedia/Lusa. (2020, março 1). “Esta República já não serve”. André Ventura apresenta candidatura a Belém. Sapo. <<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/andre-ventura-apresenta-candidatura-a-belem-e-defende-criacao-da-quarta-republica>> [acesso em 1/02/2023].

9. André Ventura apresenta projeto de revisão constitucional do Chega. (2022, outubro 4). RTP. <https://www.rtp.pt/noticias/politica/andre-ventura-apresenta-projeto-de-revisao-constitucional-do-chega_v1437432> [acesso em 1/02/2023].

criadas, desenvolvidas e aplicadas pelos povos, contra os abusos daqueles que lhes queriam tirar todos os direitos. «We, the people», nós, o povo, levantámo-nos e erguemos barreiras para impedir que o Estado nos viesse tirar direitos que são nossos. Essa seria a história bonita do constitucionalismo, mas não é a história bonita do constitucionalismo português. (DAR, XV legislatura, Sessão Solene Evocativa de Aprovação da Constituição de 1822, de 23 de setembro de 2022, p. 10)

Quando se debruça sobre o discurso populista, Patrick Charaudeau (2019, p.105) caracteriza o defensor populista como “un salvador perfectamente íntegro, incluso como un mesías”.

[@AndreCVentura] Nunca terei [medo], porque tenho a plena certeza da missão que me foi confiada para salvar Portugal. E, no dia em que tiver medo, vou-me embora e dou o lugar a outro! (13 de janeiro de 2022)

Ao contrário dos seus adversários alegadamente corruptos, o líder populista revela-se incapaz de se deixar corromper.

[@AndreCVentura] Enquanto eu for Presidente do CHEGA, o partido será sempre contra a subsidi dependência, contra os privilégios de algumas minorias e a favor de justiça a sério para bandidos. Acho aliás que este é o único caminho possível! (20 de março de 2021)

E acusa, com frequência, o atual Governo de roubo:

O Sr. André Ventura (CH): Todos podemos fazer contas — e, para os que não souberem, eu distribuo a calculadora — para perceber que estão aqui 20 mil milhões de euros e o pacote do Governo é de quatro mil milhões. Sabem como é que se chama a isto? Roubo! É o que há em Portugal. Roubo é o que temos! (DAR, XV legislatura, comissão permanente, de 7 de setembro de 2022, p. 26)

O que nos descrevem Mudde & Kaltwasser (2017, p. 66) sobre o líder populista também é relevante: “perhaps the most contentious feature of the populist strongman is charisma”. Baseados em Max Weber, os autores esclarecem ainda que a liderança carismática se refere a “authority of the extraordinary and personal gift of grace (charisma)”, ao heroísmo e a outras

qualidades de liderança individual. Os líderes populistas são também homens de ação, dispostos a tomar decisões difíceis e rápidas, “bold action” (*idem*, p. 64), para resolver uma situação de crise.

[@AndreCVentura] O rapaz [Francisco Rodrigues dos Santos] disse que eu sou fanático! E sou, pelos portugueses de bem! Pela luta contra a corrupção e por voltar a pôr este país na ordem. Este país que os partidos do sistema destruíram! (13 de janeiro de 2022)

Tendo em conta a definição de “populismo” de Mudde, lemos:

I define populism as *an ideology that considers society to be ultimately separated into two homogeneous and antagonistic groups*, ‘the pure people’ versus ‘the corrupt elite’, and which argues that politics should be an expression of the *volonté générale* (general will) of the people (2014, p. 543).

A construção desta polarização, de uma realidade dicotómica contrastante, é marcada pelos eixos Eu/Tu/Nós *versus* Eles/os Outros, respetivamente. No entanto, este processo é marcado por um abandono da natureza deítica dos pronomes pessoais com valor espacial e pela sua aquisição de valores axiológicos, nomeadamente de “Bem” e “Mal”. Por outras palavras, a distinção entre as categorias conceptuais, nomeadamente, o Nós *versus* os Outros, passa a ser realizada por valores ideológicos, nomeadamente, morais, sociais e políticos (Pinto, 2014, p. 320 e 321). De acordo com Duarte, Salgado e Pinto (2019, p. 41), “este tipo de visão política é simplista e inflexível, uma vez que rejeita a heterogeneidade”. A maioria dos discursos populistas, para Mudde (2014, p. 543), demonstram esta característica como normativa:

O Sr. André Ventura (CH): Ao dizermos que não há «outros», o que estamos a dizer é que são todos iguais. Não, não, Sr. Deputado Rui Tavares, a nossa emigração não tem nada a ver com a imigração que hoje está a chegar às portas de Portugal! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 21 de julho de 2022, p. 9)

Os *tweets* que a seguir transcrevemos dizem respeito a outro traço do populismo, o caráter antissistema. Não só fica bem patente o apelo direto à mudança do país, como retrata um sistema corrompido cujos responsáveis são os governantes, ficando bem vincada a noção de “outsiders” de que nos falam Chilton e Schaffner (2002, p. 30):

[@AndreCVentura] Até posso cair e até posso falhar, mas tudo farei para devolver a dignidade ao povo português que tem estado refém dos interesses obscuros deste sistema corrupto! (19 de janeiro de 2022)

[@AndreCVentura] O nosso exército parlamentar reuniu hoje para preparar o grande dia da instalação do Parlamento na próxima terça-feira! Vamos com tudo para cima dos socialistas, uma luta sem tréguas contra a corrupção instalada no sistema! (24 de março de 2022)

[@AndreCVentura] Não gosto de terremotos. O único que me interessa é o que vai destruir este sistema podre e voltar a dar aos portugueses a dignidade que merecem! (3 de fevereiro de 2021)

O discurso populista constrói-se numa tríade, segundo Charaudeau (2019, p. 105): a descrição da desordem social de modo quase apocalíptico, a denúncia dos culpados e a eliminação destes. Assim, para estes aspetos temos, respetivamente, “o povo português tem estado refém”, veja-se, curiosamente, a reconstrução metafórica: SISTEMA É PESSOA, numa estância inferior SISTEMA É SEQUESTRADOR; seguidamente, “vamos com tudo para cima dos socialistas, *uma luta sem tréguas contra a corrupção instalada no sistema*”, verifica-se aqui uma metáfora bélica, onde há uma transferência do domínio da guerra para a política: COMBATE À CORRUPÇÃO É COMBATE MILITAR (GUERRA) e, por último, “o terremoto vai destruir o sistema podre”, de novo, temos o SISTEMA É PESSOA ou SISTEMA É ORGANISMO VIVO, pois assim como uma pessoa/um organismo vivo fica doente, o sistema pode ficar doente. Nesta intervenção, “Terremoto” também nos parece fazer referência a uma certa “mudança”, “a uma nova ordem”, a destruição não será propriamente mortífera, mas causadora de mudança, MUDANÇA É FENÓMENO NATURAL.

Numa altura em que o governo é assegurado pelo Partido Socialista (PS), no polo político oposto do CH, assistimos, quer nos *tweets* anteriores quer no discurso seguinte, a uma clara construção do *Outer Space AV*, onde os “socialistas” se incluem:

[@AndreCVentura] Chega e VOX em Lisboa, grandes momentos. Ainda vamos a tempo de salvar Portugal e Espanha das garras do socialismo! (29 de setembro de 2021)

O Sr. André Ventura (CH): Sim, para si, que nos está a seguir, aqui, no Parlamento, saiba isto: estes senhores que aqui estão, por cada minuto que passa, estão a tirar centenas de euros à sua pensão, ao seu salário, ao gasóleo que tem de pagar, para pagar aeroportos — incompetentes! — que eles não sabem fazer em Portugal. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 28 de setembro de 2022, p. 5)

Muito frequente na construção da identidade política, esta estratégia de *Othering* com a convocação da voz do *Eles* ou *Outros*, faz-se recorrendo a vários elementos linguísticos, quer seja pela simples oposição de formas pronominais, quer seja por elementos lexicais ou pragmáticos (Pinto, 2016, p. 33). Veja-se como se codifica no *tweet* acima esta construção dicotómica através do recurso metafórico “garras do socialismo”, conceptualizando os “socialistas” como um animal feroz, predador, cuja presa é naturalmente o povo português (e, neste caso, também o espanhol). Há, na verdade, uma espécie de “diabolização” dos *Outros* (Duarte, Pinto e Salgado, 2019, p. 40) que intensifica a relação de conflito. Aliás, como revela Mudde (2014, p. 544), “Opponents are not just people with different priorities and values, they are evil!”. Não só os “socialistas” entram na noção de *outsiders*, como serão rivais a combater e a afastar do poder todos aqueles com ideologias contrárias à sua: comunistas, capitalistas, socialistas e até os *media*.

É curioso que a pessoalização do “inimigo” não fica por aqui, pelos adversários nomeadamente políticos. Segundo Charaudeau (2011, p.107), existe ainda uma espécie de “inimigo exterior”, “souvent présenté comme une entité abstraite afin de provoquer la peur face à une

menace réelle ou potentielle”. Em Portugal, é a imigração e as minorias étnicas, nomeadamente, a comunidade Roma, cujas referências discriminatórias são inúmeras, sempre assentes num discurso de medo. O autor sublinha aliás que são raras as vezes em que o discurso populista não assenta na xenofobia, sugerindo uma ameaça para o povo e o conflito de civilizações.

O Sr. André Ventura (CH): (...) Sr. Presidente e Srs. Deputados, vou terminar com uma frase que talvez possa vir a ser considerada uma frase racista, a mais racista alguma vez dita aqui dentro, mas desafio-vos a mostrarem-me o contrário: digam-me um distrito, repito, um distrito, onde não existam problemas com a comunidade cigana. (DAR, XIV legislatura, reunião plenária, de 8 de junho de 2020, p. 54)

Na seguinte intervenção em plenário, fica também visível que a imigração se inclui nos *Outros*:

O Sr. André Ventura (CH): Há aqui duas visões de Portugal e da Europa. Uma, a do Governo, expressa pela Sr.^a Ministra Ana Catarina Mendes, diz: «Venham de qualquer maneira. Nós somos muito solidários. Não temos para os nossos, mas temos para vocês. Não temos para os portugueses, mas temos para os outros.» Há outra visão, ainda, um pouco mais aprofundada, do Livre, do PCP e do Bloco de Esquerda, que diz: «Venham de qualquer maneira e, sejam legais ou ilegais, nós damos-vos um nome bonito — apátridas, refugiados, requerentes de asilo, o que quiserem. Entrem de qualquer maneira!» Só há uns que nunca têm prioridade no discurso do Governo: os portugueses que trabalharam toda a vida, que pagam impostos e que estão aqui a sustentar este País! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 21 de julho de 2022, p. 9)

E mais à frente:

O Sr. André Ventura (CH): Vou dizer-lhe porquê, e o senhor devia aprender com os nossos emigrantes, porque eles vão para fora, para trabalhar. (...) Não são como «outros», que vêm para aqui para viver à conta dos nossos subsídios e dos nossos salários. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 21 de julho de 2022, p.9)

Já como *insiders* de AV incluem-se “os portugueses”, vítimas do sistema corrupto, que são trabalhadores e emigrantes exemplares e pagam muitos impostos. Destaca-se naturalmente os

“portugueses de bem”, dos quais o político exclui todos aqueles que, para ele, não contribuem para a sociedade nem para a economia, isto é, outras raças e etnias que, alegadamente, no discurso de ódio dele, vivem à custa dos “portugueses de bem”.

A construção retórica do *pathos* “centrada sobre a exploração de emoções no Tu” (Duarte, Salgado e Pinto, 2019, p. 39) manifesta-se: (i) ora negativamente, com discursos que assentam na falta de segurança, despontando sentimentos de medo:

O Sr. André Ventura (CH): O País vive um brutal sentimento de insegurança não só pelo aumento da violência e da criminalidade organizada, como pela proliferação de gangues juvenis nos vários distritos do País. (...) Entre janeiro e maio deste ano, triplicou o número de homicídios e de tentativas de homicídio, comparando com o mesmo período do ano passado. No ano passado, e só no ano passado, foram detidos 832 jovens ligados a gangues e à criminalidade juvenil. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 14 de setembro de 2022, p. 27)

(ii) ora positivamente, com a exortação à audiência sobre o orgulho nacionalista:

O Sr. André Ventura (CH): Por isso, há um mundo que nos separa. Os que se dizem globalistas querem todos iguais e todos da mesma forma. Para nós, Portugal e os portugueses estarão sempre em primeiro lugar, porque foram eles que nos permitiram estar aqui hoje. Se esta Assembleia da República existe é porque eles pagam impostos, porque eles nos sustentam e porque eles permitem que estejamos aqui! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 21 de julho de 2022, p. 9)

Além de outros discursos, Charaudeau (2011, p. 109) frisa o típico discurso de vitimização (não exclusivo dos partidos de direita).

O Sr. André Ventura (CH): Quando o André Ventura diz que é preciso um plano específico para a comunidade cigana, é racista, mas, quando o autarca da Azambuja, do Partido Socialista, diz o mesmo, António Costa diz que é preciso pôr as palavras no seu contexto. O autarca de Moura diz que o acampamento será isolado e acompanhado em permanência pela GNR e que todos os bens alimentares serão entregues por funcionários da câmara, mas, se fosse o André Ventura a dizê-lo, meu Deus, onde é que este País teria caído nesse dia. (...) Quando o André Ventura disse que o que se tinha passado com o futebolista Marega não era

um caso de racismo, Mãe do Céu! (DAR, XIV legislatura, reunião plenária, de 8 de junho de 2020, p. 54)

Numa estrutura narrativa muito simplificada, num tom eufórico (bem marcado com pontos de exclamação no Twitter e o tom de voz elevado na ARP¹⁰), a tónica dos discursos e tweets de AV passa sempre pelas mesmas temáticas, com o objetivo de mobilizar a população e, diríamos mesmo, “comprar” a população, dizendo-lhe aquilo que quer ouvir, prometendo soluções rápidas para derrubar as elites políticas. Quando Charadeau (2011, p. 101) distingue o populismo de direita do de esquerda, advoga que “la droite est populiste parce qu’elle manipule les classes moyennes et populaires (peu politisées) par des discours qui cherchent à susciter l’émotion la plus primitive: la peur.” Efetivamente, “o populismo cria uma realidade paralela, baseada em exageros e emoções exacerbadas” (Galito, 2018, p. 65), fazendo-se ouvir não apenas “nas camadas sociais menos instruídas ou que auferem menos rendimentos”, mas também nos “desiludidos com a vida ou os revoltados, com ódio ao sistema atual”, alimentando-se, portanto, da expectativa defraudada.

O Sr. André Ventura (CH): Dirijo-me ao mundo rural, aos agricultores, aos que sabem o que é realmente este País e que veem, com os seus olhos, os impostos que não param de aumentar, o preço dos bens alimentares que não para de aumentar, a incapacidade de terem o mínimo de produção às mãos de uma União Europeia cada vez mais selvagem na agricultura, na produção e no mar. Dirijo-me ao mundo rural e aos pescadores, aos agricultores, ao setor tauromáquico, a todos aqueles que fazem o Portugal que conhecemos. Dirijo-me àqueles que fazem o Portugal que conhecemos e que o Partido Socialista quer destruir: tenham esperança, nós ainda aqui estamos para defender esse Portugal profundo que não se revê nas elites de meia Lisboa e que quer, efetivamente, ser representado. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, pp. 71 e 72)

Assim, será de esperar uma linguagem vulgar e simples, à qual Mudde (2014, p. 542) atribui o termo *Stammtisch* (linguagem de pub, em português, “linguagem de café”), por ser “highly emotional and simplistic discourse that is directed at the ‘gut feelings’ of the people.”

10. Se nos dermos conta o próprio nome do partido CHEGA! pode ser considerado como um ato ilocutório expressivo, usado para mandar parar um comportamento que provoca irritação ou mesmo para fazer calar alguém. Sobre o tom de voz o próprio admite, por exemplo, “Sim, Sr.^a Deputada, estou a falar alto!” (DAR, XIV legislatura, reunião plenária, de 8 de junho de 2020).

4. METODOLOGIA

O nosso *corpus* está dividido em dois *subcorpora*, a saber: i) 15 relatórios do Diário da Assembleia da República (DAR) para o levantamento das metáforas que constrói André Ventura na Assembleia da República Portuguesa (ARP) e ii) tweets com estruturas linguísticas específicas para a identificação de metáforas que dizem sobre ele no Twitter (os tweets produzidos por AV não entraram no *corpus*, foram usados apenas para o descrever enquanto político populista). Num primeiro momento, procedeu-se à recolha de dados documentais e, em seguida, à análise qualitativa e quantitativa dos mesmos. Optamos por empregar uma metodologia sugerida por Soares da Silva (2015) na identificação de metáforas num *corpus* computacionalmente não-anotado. Começamos por procurar expressões metafóricas a partir de palavras do domínio alvo, designadamente, “Governo”, “Estado”, “economia” e “Partido Socialista (PS)”. Inevitavelmente, com a leitura dos relatórios, fomos encontrando outras expressões metafóricas com outros domínios alvo. Posteriormente, cada uma destas foi analisada individualmente tendo em consideração, sobretudo, o mapeamento estabelecido entre os domínios fonte e alvo e o contexto em que são enunciadas.

O acesso aos discursos que têm lugar na ARP é totalmente público, nomeadamente, através das publicações online no Diário da Assembleia da República (DAR), onde disponibilizam, para além dos documentos com os relatos autênticos e completos do que ocorre em cada reunião plenária, um ficheiro audiovisual da sessão completa. Apesar de estes últimos documentos possibilitarem uma análise a fatores extralinguísticos, como gestos, comportamentos, olhares e outras expressões faciais, isso não constituiu objeto de investigação. Não só importa a conduta dos colegas de bancada, os “típicos coros de suporte ao orador” (Marques, 2013), que contribuem para a construção do *ethos* coletivo, como a dos adversários e as suas mani-

feições de desacordo. Limitamos a nossa análise aos seguintes diários (do mais antigo para o mais recente):

- DAR, XIV legislatura, reunião plenária, de 8 de junho de 2020 e 23 de junho de 2021.
- DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 7 de abril de 2022; 8 de abril de 2022; 22 de junho de 2022; 6 de julho de 2022; 21 de julho de 2022; 22 de julho de 2022; 7 de setembro de 2022; 14 de setembro de 2022; 21 de setembro de 2022 e 28 de setembro de 2022.
- DAR, XV legislatura, Sessão Solene Comemorativa do XLVIII Aniversário do 25 de Abril, de 25 de abril de 2022 e, ainda, a Sessão Solene Evocativa da Aprovação da Constituição de 1822, de 23 de setembro de 2022.

A escolha destes diários teve em conta as intervenções de AV mais polémicas¹¹ e mais divulgadas nos *media*. Além disso, achamos relevante recolher do Twitter, através de uma “pesquisa avançada” (ferramenta da rede), tweets, entre 2019 (entrada de AV no Parlamento como deputado) e 2022, que detivessem as seguintes estruturas: “(o) André Ventura é tipo” (40 ocorrências), “(o) André Ventura é do tipo” (3 ocorrências), “(o) André Ventura é como” (27 ocorrências), “o Ventura é como” (11 ocorrências) e, ainda “o Ventura é tipo” (17 ocorrências). A estrutura “André Ventura é do género” foi admitida, mas excluída por falta de ocorrências. Alertamos ainda para o facto de o número de ocorrências ter sido “filtrado” por nós mediante os seguintes critérios (1) fala inequivocamente do deputado e líder do Chega, André Ventura, ou de um outro referente que tem a propriedade de se chamar André Ventura em comum? (2) as palavras seguem as sequências pretendidas? Ou aparecem em posições sintáticas diferentes da frase? (Veja-se o seguinte exemplo retirado do nosso *corpus* e transcrito textualmente do mesmo: “E os discursos populistas tipo Andre Ventura e tipo Marine le Pen são apelativos para

11. Veja-se, por exemplo: Lusa (2022, 14 de setembro). Santos Silva adverte Chega sobre “discursos injuriosos” após intervenção de Ventura dirigida à comunidade cigana. Público. <<https://www.publico.pt/2022/09/14/politica/noticia/santos-silva-adverte-chega-discursos-injuriosos-apos-intervencao-ventura-dirigida-comunidade-cigana-2020580>> [acesso em 1/02/2023].

os extremistas.”) e (3) a comparação é referente a AV ou um evento a ele associado? (cf. “Estar num debate com André Ventura é como discutir com uma criança”). O número total de tweets recolhidos foi de 135, sendo 37 excluídos pelos critérios anteriores. Por limites de extensão deste trabalho, fizemos uma seleção daqueles que, a nosso ver, mais se destacam e se cruzam.

Ressalvamos ainda que a metáfora não tem necessariamente uma partícula comparativa explícita, podendo a metáfora ser implícita. Além disso, para a pesquisa no Twitter, optámos por procurar as estruturas comparativas como as citadas anteriormente, para obtermos resultados mais pertinentes. Aliás, este critério de busca chegou-nos através dos estudos de Paulo Roberto Gonçalves-Segundo, pois, apesar de, do ponto de vista linguístico, metáfora e comparação serem recursos diferentes, do ponto de vista cognitivo, essa distância não acontece e os “gatilhos” linguísticos que citamos são as mais das vezes introdutórios típicos de metáforas. Além disso, não se pretende realizar um levantamento exaustivo, mas tentar tecer algumas considerações sobre a retórica metafórica no discurso populista.

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. METÁFORAS NO DISCURSO DE AV NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA

Nesta secção, pretendemos fazer um levantamento das metáforas conceptuais e situadas, tendo em conta a distinção proposta por Vereza (2013). Começaremos pela análise de metáforas conceptuais encontradas nos relatórios do DAR.

O nosso *corpus* é rico em metáforas cujo domínio alvo é a economia, o Governo ou o Estado, ou mais especificamente, o Partido Socialista (PS), baseadas no comportamento humano

e animal e em características bélicas. Encontramos também metáforas construídas a partir de outros domínios fonte como forças naturais e objetos materiais. As intervenções (1)-(12) contêm metáforas conceptuais baseadas nestes mesmos domínios:

(1) O Sr. André Ventura (CH): Vou ler: «Governo e PSD chegam a acordo para obras na Portela e para estudar proposta de Santarém.» Está aqui! (...) Mais vale assumirem que estão a ser o braço direito do PS. Mais vale assumirem! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 28 de setembro de 2022, p. 17)

(2) O Sr. André Ventura (CH): Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, hoje é o Dia Internacional das Comunidades Ciganas. Como já hoje foi aqui bem lembrado, é um dia em que devemos não esquecer as minorias e aquela conversa que nos alimenta a todos há 47 anos (...) (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 70)

(3) O Sr. André Ventura (CH): — Sr. Presidente, peço a palavra. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 21 de julho de 2022, p. 10)

(4) O Sr. André Ventura (CH): (...) O salário dos licenciados caiu 11%, durante o seu Governo! Por isso, escusa de nos vir dar conversa, porque a verdade é esta. Portanto, a pergunta é esta, e é muito simples: assume, ou não, a responsabilidade por este maior desastre de sempre de queda proporcional do salário dos licenciados em Portugal?! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 22 de julho de 2022, p. 15)

(5) O Sr. André Ventura (CH): Temos dois partidos em conluio absoluto, um Primeiro-Ministro completamente irresponsável, um Ministro das Infraestruturas completamente incapaz e escondido e um Governo à deriva, numa das maiores obras públicas da nossa história. (...) Hoje, este debate não é só de urgência. Se me permite, Sr. Presidente, este debate devia ter uma outra designação. Não devia ser um debate de urgência, devia ser o debate da tragédia portuguesa, a tragédia da irresponsabilidade, a tragédia da incapacidade, a tragédia da incompetência, a tragédia da cobardia de não estar aqui hoje. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 28 de setembro de 2022, p. 5)

(6) O Sr. André Ventura (CH): (...) Quem nos está a ouvir sabe bem daquilo que falo, porque sente todos os dias o peso de um Estado que não para de aumentar, o peso de uns impostos que não param de triplicar e o peso de um rendimento que não para de emagrecer. Esta é a oportunidade para que o Primeiro-Ministro socialista possa finalmente dar dignidade a estas pessoas. (...) (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 61)

(7) O Sr. André Ventura (CH): Pergunto-lhe como reage à notícia, que também conhecemos ontem, de que Portugal é o terceiro país da zona euro onde o preço dos alimentos mais cresceu, e o que é que o Governo pensa fazer sobre isso. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 22 de julho de 2022, p. 17)

(8) O Sr. André Ventura (CH): (...) gostava de prestar a minha homenagem ao Ministério Público e a todos os que têm tido, mesmo nas garras de um Governo absoluto, a capacidade de prosseguir com independência os seus esforços. (...) (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 71)

(9) O Sr. André Ventura (CH): Dirijo-me àqueles que fazem o Portugal que conhecemos e que o Partido Socialista quer destruir: tenham esperança, nós ainda aqui estamos para defender esse Portugal (...) (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 72)

(10) O Sr. André Ventura (CH): Que legado quer deixar neste PSD: o legado de colaborar com o PS ou o de se juntar a nós na luta contra o PS? (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 72)

(11) O Sr. André Ventura (CH): O caminho que foi seguido por esses dois partidos ficou à vista: ser a marioneta e o suporte de António Costa leva inegavelmente à destruição e ao desaparecimento. (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 72)

(12) O Sr. André Ventura (CH): Por isso, Sr. Deputado Cotrim de Figueiredo, só há um partido à direita que é oposição: é o Chega! Vocês são muletas do Governo do Partido Socialista, é o que é! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 6 de julho de 2022, p. 37)

Em (1), embora a sequência “*braço direito*” especifique o nome *braço*, referindo-se naturalmente ao braço que temos do lado direito do corpo, neste contexto, “o conhecimento enciclopédico do papel fundamental do nosso braço direito em atividades físicas motiva a metáfora que transfere a relevância física do braço direito para os mais variados tipos de ação” (Basilio, 2016, p. 98 e 99), nomeadamente, na esfera das relações de trabalho, com base na semelhança funcional. A metáfora corresponde então à transferência da sequência “*braço direito*” do domínio do corpo humano (domínio fonte) para o domínio do papel social (domínio alvo) que um indivíduo desempenha ou da funcionalidade que detém. Neste caso, AV acusa o Partido

Social Democrata (PSD) de chegar a acordo com o Partido Socialista (PS) nas obras do aeroporto da Portela e na proposta de um novo aeroporto, por questões de interesse. Aqui, braço direito ganha um valor de “interesses políticos” ou “serventia”, por isso SER BRAÇO DIREITO DO PS É JOGO DE INTERESSES. Embora não caiba no âmbito do nosso trabalho, há também aqui uma relação de metonímia, uma vez que a expressão denota uma pessoa (*Todo pela Parte*).

As metáforas presentes nas intervenções (3) e (4) são diferentes realizações linguísticas da mesma metáfora conceptual DISCURSO É OBJETO, não tendo propriamente um valor idêntico. É como se nas expressões “peço a palavra” (que já está muito cristalizada) e “dar conversa”, “palavra” e “conversa” fossem objetos concretos que são manuseados e transportados. A propósito, enunciados como em (3) são muitíssimo frequentes, mas não têm qualquer valor de crítica, quer “peço a palavra”, por parte dos deputados, ou “dou-lhe a palavra”, por parte do Presidente da Assembleia da República no seu papel de moderador – com o objetivo de permitir que fale, pedir ou dar a vez de fala. Mais especificamente, em (2), “aquela conversa que nos alimenta há 47 anos”, as reconstruções metafóricas DISCURSO É ALIMENTO ou DISCURSO É COMIDA parecem-nos adequadas ao considerarmos “conversa” um hipónimo do domínio fonte, “discurso”. Na verdade, as expressões nas intervenções (2) e (4) pretendem transmitir uma mensagem semelhante, visto fazerem referência a um discurso que pretende persuadir o povo, recorrendo ao que ele quer ou espera ouvir, de modo a levá-lo a acreditar nele. Além disso, voltamos a verificar aqui um cruzamento entre metáfora e metonímia.

Em (5), o Governo sofre com desastres ou fenómenos naturais, com a agitação violenta da natureza, como é o caso de um barco ou navio naufragado que fica à deriva, que se traduz pela expressão “um Governo à deriva”, completamente descontrolado, sem rumo ou direção. Veja-se, aliás, a repetição enfática de “tragédia” na sua intervenção, que contribui para a in-

tensificação da sua crítica. Assim, O GOVERNO É UM BARCO/NAVIO ou, com ainda mais força conceptual, O GOVERNO É CATÁSTROFE. É sem dúvida uma estratégia para sustentar o argumento do ataque que faz ao Governo. Também anteriormente, em (4), assistimos a uma queda desastrosa nos salários, ou na economia pode ter a mesma reconstrução metafórica, ECONOMIA É FENÓMENO NATURAL.

Em (6), o Estado, como domínio alvo, é metaforicamente conceptualizado como uma pessoa (obesa ou magra), um organismo vivo, com as expressões “o peso de um Estado que não para de aumentar” e “o peso de uns impostos que não param de triplicar” cuja estrutura O ESTADO É UM CORPO OBESO é, por sua vez, uma instanciação da metáfora de nível superior O ESTADO É UMA PESSOA. No lado oposto, “o peso de um rendimento que não para de emagrecer” relaciona-se com a estrutura ECONOMIA É UM CORPO MAGRO e ECONOMIA É UMA PESSOA. Já em (7) tanto ECONOMIA É UM ORGANISMO VIVO como PREÇOS SÃO ORGANISMOS parece-nos uma reconstrução metafórica possível: os preços, como sendo parte da economia, têm a capacidade de se desenvolver, aumentar e diminuir de tamanho.

As restantes metáforas em (8), (9) e (10) conceptualizam o Governo, nomeadamente, o Partido Socialista, como um animal predador ou um inimigo, que, se não for combatido, pode levar à destruição. Em (8), o Governo adquire uma característica do mundo animal, em “garras”, sendo conceptualizado como um verdadeiro predador na estrutura O GOVERNO É UM ANIMAL, ou numa outra instância, O GOVERNO É UM PREDADOR, cujas presas, neste caso, são “o Ministério Público e todos os que têm tido a capacidade de prosseguir com independência os seus esforços”. Já em (9) e (10), verificamos metáforas de teor bélico, aliás, de acordo com Soares da Silva (2013, p. 24) “a metáfora do inimigo atrai outras metáforas da guerra ou do combate”. Na intervenção (9), o PS tem o poder de causar destruição e danos, em

(10), O PARTIDO SOCIALISTA É INIMIGO, conforme se vê através do apelo feito por AV ao PSD para estabelecerem uma união.

Em (11) e (12), estamos perante dois ataques diferentes, que são, de certa forma, polidos e atenuados pela construção metafórica. A ideia destas intervenções é fazer uma denúncia, na tentativa também de ser cómico. No mapeamento de (11), o domínio fonte é “marioneta”, que por definição literal, é um boneco manipulável por uma pessoa. Neste caso, António Costa (atual Primeiro-Ministro) assumiria essa posição e “esses dois partidos” a que se refere AV são o Bloco de Esquerda (BE) e o Partido Comunista Português (PCP) que funcionam como domínios alvo. Deste modo, acusa-os de serem facilmente manipulados, subservientes e dependentes de António Costa e, de acordo com AV, isto acarreta as consequências. A reconstrução que propomos, tendo em conta toda a intervenção, é ESTAR AO SERVIÇO DE ANTÓNIO COSTA É SER MARIONETA ou REALIZAR O QUE ANTÓNIO COSTA MANDA É SER MARIONETA. Em (12), por outro lado, o domínio fonte é “muleta”, cuja definição denotativa remete para um bastão ou bengala a que se pode apoiar quem tem dificuldade em andar. Agora, quem assume o papel de “muletas” no sentido figurativo são os membros do partido Iniciativa Liberal (IL), liderado pelo “Sr. Deputado Cotrim de Figueiredo”, que são acusados de apoiarem o PS nas suas decisões e medidas. Assim sendo, SUPORTAR O GOVERNO É SER MULETA. Como vemos, palavras que têm referentes aparentemente inocentes, com polaridade neutra, adquirem neste tipo de discursos um valor pejorativo, de crítica e desprezo. Todas estas parecem-nos metáforas relativamente estabilizada na nossa cultura.

Voltamo-nos agora para uma metáfora situada, em (13), encontrada com bastante frequência nas suas intervenções. De mencionar que nas metáforas situadas, é também possível fazer o mapeamento e a transposição, pois como são localizadas, ao serviço de um objetivo específico,

há mais necessidade até de o fazer. Porém, convém salientar de que se trata de um mapeamento, por vezes, complexo, já que diferentes analistas as reconstróem de modos diferentes, decorrente da sua experiência da realidade, quer seja individual ou coletiva.

(13) O Sr. André Ventura (CH): Afinal, onde está o 25 de Abril de 1974 em que podíamos exprimir-nos livremente?! Agora, querem tirar-nos esse direito?! (DAR, XV legislatura, reunião plenária, de 8 de abril de 2022, p. 71)

Num dos momentos em que AV é repreendido pelo Presidente da Assembleia da República por proferir “discursos injuriosos” e sendo também alvo de protestos pelos restantes partidos, vemos claramente em (13) um discurso de vitimização, ancorado na Revolução de 25 de Abril de 1974, onde AV se queixa da falta de liberdade de expressão por não poder dizer aquilo em que acredita, fazendo referência ao fim da ditadura e uma busca por lembranças, valores ou ideias (de opressão) relacionadas ao período de 1933-1974. A metáfora AÇÕES SÃO EVENTOS (Soares da Silva, 2015, p. 21), em que a ação “limitar ou interromper uma intervenção” é censura e falta de 25 de Abril, ou seja, de liberdade de expressão. Embora o autor a considere uma metáfora conceptual genérica, ou seja, “pela qual ações, estados, mudanças, causas, objetivos e instrumentos se conceptualizam em termos de espaço, movimento e força”, acreditamos que, neste contexto específico, se trate de uma metáfora situada, uma vez que o domínio alvo está a ser construído naquele preciso momento. Por outras palavras, o paralelismo não é inerente ao domínio fonte (“25 de Abril”), mas é construído discursiva e cognitivamente pelo autor (Vereza, 2010, p. 210).

5.2. NO TWITTER

No Twitter, as metáforas encontradas são, de modo geral, situadas, sendo o domínio alvo André Ventura, pelo que a procura foi realizada neste sentido. Uma vez que o *corpus* é extenso,

constituído por cerca de 98 tweets com estruturas metafóricas, iremos agrupar as ocorrências em dois conjuntos, com as estruturas mais recorrentes. Optamos pela omissão do nome de utilizador por questões de formalidade e proteção do anonimato, referindo apenas a data da publicação do tweet¹².

Na maioria dos casos encontrados, os utilizadores explicam a metáfora ou elaboram-na mais, precisamente por esta ser “localizada” e não estar acessível na memória por todos, veja-se, por exemplo, (1), (4) e (8). A elaboração da metáfora situada condiz com a hipótese proposta por Vereza (2010, p. 209), justamente porque o seu processamento se dá localmente, num contexto específico.

- (1) André Ventura é tipo Trump, fala bué no Twitter e depois não faz nada (30 de maio de 2020)
- (2) o André Ventura é tipo o Salazar de marca branca (5 de julho de 2020)
- (3) André Ventura é tipo a imitação barata do trump (8 de janeiro de 2021)
- (4) É que o Ventura é tipo Trump e Bolsonaro, todos falam mal deles mas depois os votos aparecem, deve ser magia.... (8 de janeiro de 2021)
- (5) O André ventura é tipo o Trump da wish (13 de janeiro de 2021)
- (6) André Ventura é tipo Trump versão 2.0 e português (21 de janeiro de 2021)
- (7) André ventura e tipo Trump português (22 de janeiro de 2021)
- (8) André Ventura é tipo Trump, senão ganhar faz uma birra (24 de janeiro de 2021)

12. Além disso, os exemplos que inserimos foram transcritos textualmente dos textos do *corpus*, nomeadamente as incorreções que os mesmos contêm.

Este conjunto de tweets, de (1) a (8), foi selecionado pelas propriedades estruturais que têm em comum. Ora, na sua esmagadora maioria, AV é comparado a Donald Trump e apenas em (2) e (4) a António Oliveira Salazar, ditador português, e a Bolsonaro, respetivamente, porém todos eles figuras políticas conhecidas pela difusão de ideais conservadores e de extrema-direita. A estrutura comum a todos corresponde não só aos ideais políticos que AV partilha com as outras três figuras, mas à postura e atitude semelhante que frequentemente adota (como o tom de voz eufórico e nacionalista, a gesticulação excessiva e os discursos xenófobos). Considerando os exemplos em que AV é comparado a Trump, como um forte domínio fonte proporíamos: ANDRÉ VENTURA É TRUMP.

Numa perspetiva diferente, misturam-se outros conceitos em (2), (3), (5) e (6), uma vez que conceptualizam ainda AV como uma “cópia” ou uma segunda versão de um produto ou ideia pré-existente, através das expressões “marca branca”, imitação barata”, “versão 2.0” e “da wish¹³”. Todas estas, de alguma forma, têm o mesmo significado, mas com realizações linguísticas distintas para “artigo mais barato” ou “artigo de fraca qualidade”, à exceção de “versão 2.0”, que por norma seria uma nova versão evoluída, atualizada e melhorada de um produto informático, no entanto, não podemos afirmar que o autor efetivamente teve a intenção de elogiar. Neste sentido, o mapeamento metafórico corresponderia à metáfora conceptual PESSOAS SÃO OBJETOS, que possibilita a ocorrência da metáfora situada ANDRÉ VENTURA É OBJETO e as suas versões específicas ANDRÉ VENTURA É UM PRODUTO, ANDRÉ VENTURA É UM PRODUTO BARATO E PLAGIADO e, ainda, ANDRÉ VENTURA É FRAUDE, tal como proposto por Vereza (2010, p. 209), com a noção de “nicho metafórico”.

13. Note-se que a Wish é uma loja online onde se podem comprar milhões de artigos a um custo muito reduzido, de qualidade muito inferior e até, em alguns casos, defeituosos e falsificados. A nosso ver, a metáfora situada realizada linguisticamente na expressão “algo ser da Wish”, passou a ser compartilhada e disseminada por membros de um grupo social, principalmente, nas redes sociais.

Assistimos, de (9) a (13), à construção de metáforas baseadas em doenças:

(9) André Ventura é como um vírus fascista que se infiltra como algo fascinante, deixando esse pobre povo de espírito ignorante, fascinado. (1 de março de 2020)

(10) André Ventura é como um cancro que necessita ser removido para evitar metástases (3 de abril de 2020)

(11) imaginem, o André Ventura é tipo sarna (6 de janeiro de 2021)

(12) André Ventura é como uma irritação da pele. É não coçar. Se não espalha. (7 de janeiro de 2021)

(13) O André ventura é como o corona vírus é a pior coisa que podia ter acontecido (20 de janeiro de 2021)

André Ventura é conceptualizado com um microrganismo patogénico (9) e (13) contagioso ou uma doença que alastra rapidamente (10), (11) e (12). Neste sentido, aquilo que é conceptualizado não é propriamente André Ventura como entidade individual, mas, novamente, os ideais políticos que tem vindo fortemente a disseminar. Assim, os tweets apresentados parecem seguir uma estrutura muitíssimo poderosa - ANDRÉ VENTURA É DOENÇA ou, mais especificamente, ANDRÉ VENTURA É UMA DOENÇA CONTAGIOSA e numa instância superior, PESSOAS SÃO DOENÇAS. novamente, uma metáfora conceptual possibilitando a ocorrência de metáforas situadas.

Como observamos nestas metáforas situadas, há reconstruções que se tornam comuns em tweets de utilizadores diferentes, pois por partilharem e conhecerem inconscientemente as

metáforas ANDRÉ VENTURA É TRUMP ou ANDRÉ VENTURA É DOENÇA, produzem outras com doenças, sendo o domínio fonte genérico o mesmo. Além disso, veja-se que em (9), (10), (11) e (13), se o autor não explicitar quais aspetos de uma doença estão em evidência nessa comparação, a metáfora não vai surtir o efeito de sentido gerado pelo texto no leitor. As metáforas situadas têm, por isso, a possibilidade de se tornarem metáforas distribuídas, se forem disseminadas, recorrentes e compartilhadas ao ponto de se tornarem estruturantes de um dado discurso (Gonçalves-Segundo, Isola-Lanzoni e Weiss, 2019, p. 36). Como proposto por Zelic e Gonçalves-Segundo (2016), as metáforas distribuídas revelam fortes aspetos ideológicos de dados grupos sociais, conferindo-lhes coesão e “legitimando dados estados de mundo e mobilizando determinadas atitudes” (*idem*, p.74).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliando duas disciplinas da Linguística aplicadas ao discurso político, criámos um trabalho de natureza embrionária. Naturalmente, abrimos portas para trabalhos futuros mais aprofundados sobre este tema e, principalmente, sobre as estratégias usadas por AV na estruturação dos seus discursos. Acreditamos na produtividade de questões de persuasão, bem como outras estratégias, utilizadas no Parlamento, como contributo para a literatura existente no âmbito da Análise Crítica do Discurso.

Como se verificou pela amostra, os nossos *corpora* são ricos em metáforas insultuosas, na ARP, mas mais nítidas no Twitter. Conforme Langan e Llundain (2019, p.24), a metáfora permite ao populista referir-se à realidade em termos compreensíveis, expondo, num tom eufórico e provocador, ideias simplistas, atrativas e emocionais, com o objetivo de ativar uma visão conflituosa da realidade social. Em várias ocasiões, a metáfora funcionou como ataque na ARP,

com o objetivo de descredibilização do adversário, das suas funções, nomeadamente, políticas. De facto, o discurso político parlamentar é um discurso tipicamente agressivo, mas não é ofensivo, segundo Marques (2008a, p.294), “mercê da criação de um mundo discursivo político, que livra os participantes (funcionalizados) de responsabilidades e agressões”, aliás, é “um conflito ritualizado”. Outro aspeto interessante é que, em alguns casos, sentimos que a metáfora conceptual está tão enraizada numa cultura que é raramente percecionada como tal, e muito menos como um insulto. Assim, é sem muito esforço facilmente recebida e decodificada pela audiência, uma vez que está “retida” na memória cognitiva. Caso não estivéssemos a fazer um trabalho sobre metáforas, nem teríamos dado pela sua existência.

No Twitter, a metáfora tem uma força insultuosa muitíssimo proeminente, sendo sempre usada com um sentido pejorativo. Em muitos dos casos, uma vez que os utilizadores fazem uso de vários pressupostos culturais (quem é Trump, quem é Bolsonaro, o que é a Wish ou marca branca, etc.), efetivamente, estes precisam de ser partilhados pelo grupo social ou explicitados pelo leitor para que a metáfora seja compreendida. A propagação de discursos de ódio também é algo que nos preocupa e as redes sociais impulsionam e aumentam a sua visibilidade. Não esqueçamos que a Análise Crítica do Discurso vê o discurso como forma de poder e como uma prática social (Fairclough, 2003), sendo os estudos da área uma forte contribuição para o conhecimento da relação entre a linguagem e a sociedade.

Retomando a entrevista de Aldina Marques e o que refere sobre a agressividade no discurso político parlamentar português, em 2013, quando o Chega estava ainda a seis anos de distância do Palácio de São Bento, será que, com a sua chegada, o discurso parlamentar (e talvez o Twitter) está *ainda* mais agressivo?

ARTIGO RECEBIDO A
17/04/2023
ARTIGO APROVADO A
08/08/2023

REFERÊNCIAS

- Basilio, M. (2016). Metáfora e metonímia em nomes compostos em português: Um estudo de construções S-ADJ. Em *Revista Linguística*, 12 (1). 95-109. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v12n1a4521>
- Charaudeau, P. (2011). Reflexions pour l'analyse du discours populiste. *Mots. Les langages du politique*, 97, 101-116. <https://doi.org/10.4000/mots.20534>
- _____(2019). El discurso populista como síntoma de una crisis de los poderes the populist discourse as a symptom of a crisis of the powers. *Rétor*, 9(2), 96–128.
- Chilton, P., Schäffner, C. (2002). Introduction: Themes and principles in the analysis of political. Em P. Chilton e C. Schäffner, *Politics as Text and Talk: Analytic approaches to political discourse* (pp.1-41). John Benjamins.
- Chilton, P. (2004). *Analysing political discourse: Theory and practice*. Routledge.
- Duarte, I. M, Pinto, A. G. e Salgado. (2019). Estratégias discursivas do discurso político populista em Portugal: Estado novo e movimentos nacionalistas atuais. Em M. A. Marques e S. G. Sousa (Eds.), *Linguagens de Poder* (pp.35-54). Edições Húmus.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and Social Change*. Polity Press.
- _____(1995). *Critical Discourse Analysis*. London: Longman.
- _____(2003). *Analysing discourse textual: Analysis for social research*. Routledge.
- Galito, M. S. (2018). Populismo enquanto fenómeno político. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 9 (1), 56-73. <https://doi.org/10.26619/1647-7251.9.1.4>
- Geeraerts, D. (2006). A rough guide to cognitive linguistics introduction. Em D. Geeraerts (Ed), *Cognitive Linguistics: Basics Readings* (pp. 1-28). Walter de Gruyter & co. <https://doi.org/10.1515/9783110199901.1>
- Gonçalves-Segundo, P. R. (2014). Convergências entre a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva: Integração Conceptual, Metáfora e Dinâmica de Forças. *Veredas*, 18(2), 32–50.
- _____(2016). Metáforas pictóricas e multimodais em campanhas contra a dengue no Brasil. Em E. L. Piris, I. C. M. Azevedo e G. S. Lima (Orgs.), *Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr)*, pp. 3860-3870.

Gonçalves-Segundo, P. R. e Zelic H. (2016). Relacionar é investir: Ideologia, cognição e metáfora no discurso sobre relacionamento em revistas femininas para o público adolescente. Em L. Nascimento; B. W. L. Medeiros. (Orgs.). *Análise do discurso e análise crítica do discurso: heranças, métodos, objetos* (pp. 64-91). Novas Edições Académicas.

Gonçalves-Segundo, P. R., Isola-Lanzoni, G. e Weiss W. (2019). “Entendeu ou quer que desenhe?: Metáforas multimodais aplicadas ao ensino de língua portuguesa”. Em I. C. M Azevedo e R. F. Costa, *Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas* (pp.31-56). Blucher. <http://doi.org/10.5151/9788580394085-02>

Gonçalves-Segundo, P. R. (2020). Multimodal metaphors and practical argumentation: Discussing rhetorical effects and modes of articulation between modalities / Metáforas multimodais e argumentação prática: discutindo efeitos retóricos e modos de articulação entre modalidades. *Revista de Estudos da Linguagem*, 28(2), 801-844. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.28.2.801-844>

Langa, A. E e Ilundain, V. F. (2019). The politics of authenticity in populist discourse: Rhetorical analysis of a parliamentary speech by Podemos. Em E. Hidalgo-Tenorio, M. A. Benítez-Castro, F. De Cesare (Eds.), *Populist Discourse: Critical Approaches to Contemporary Politics* (pp. 17–32). Routledge.

Marques, M. A. (2008a). Quando a cortesia é agressiva: Expressão de cortesia e imagem do outro. Em F. Oliveira e I. M. Duarte (Orgs.), *O fascínio da linguagem: Actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca* (pp. 277-296). CLUP.

_____(2008b). Arrogância e Construção do ethos no Discurso Político Português. Em *Atas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, Brasil: Belo Horizonte (pp. 1-10). <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/27048>

Marques, M. A., Duarte, I. & Seara, I. (2019). Argumentação ad hominem, formas de tratamento e protesto político. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 8, 122-138. <https://hdl.handle.net/1822/63324>

Mendes, C. J. F. (2020). *O populismo de direita no facebook a campanha eleitoral do chega para as eleições legislativas de 2019* [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/21096>

Mudde, Cas; Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.

Mudde, C. (2014). The Populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, 39(4), 541–563. <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>

Parrança, A. I. M. (2022). *O populismo de direita no facebook a campanha eleitoral do chega para as eleições legislativas de 2019* [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/24469>

Pêcheux, M. (1975). *Language, Semantics and Ideology*. St. Martins Press.

Pinto, A. G. (2014). O discurso da ditadura: Ditadura, ordem e desordem em António de Oliveira Salazar. *Microficção*, 11, 313-343. <https://doi.org/10.34624/fb.v0i11.5419>

_____(2016). A retórica do eu e do outro – The othering. A gramática da identidade no discurso político. Em Z. G. O. Aquino e P. R. Segundo (Orgs.), *Estudos do Discurso: Caminhos e Tendências* (pp. 25-53). Editora Paulistana.

Ruiz de Mendonza, F. (2014). Mapping concepts: Understanding figurative thought from a cognitive-linguistic perspective. Em *Revista Española de Lingüística Aplicada Spanish Journal of Applied Linguistics (RESLA/SJAL)*, 27 (1), 187-207. <https://doi.org/10.1075/resla.27.1.08rui>

Soares da Silva, A. (2013). O que sabemos sobre a crise económica, pela metáfora. Conceptualizações metafóricas da crise na imprensa portuguesa. *Media & Jornalismo*, 22(1), 11-34. <http://hdl.handle.net/10400.14/34420>

_____(2015). A metáfora como estratégia conceptual de persuasão e manipulação: o caso das políticas de austeridade. Em E. J. M. Camilo, & A. L. M. Santos (Eds.), *Manipulação e persuasão: posições e contraposições* (pp. 17-41). Edições Fénix.

_____(2016). The persuasive (and manipulative) power of metaphor in ‘austerity’ discourse: A corpus-based analysis of embodied and moral metaphors of austerity in the Portuguese press. Em M. Romano, & M. D. Porto (Eds.), *Exploring discourse strategies in social and cognitive interaction. Multimodal and cross-linguistic perspectives* (pp. 79-108). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/pbns.262.04soa>

Steen, G. J. (2011). When is metaphor deliberate? Em N-L. Johannesson, C. Alm-Arvius, & D. C. Minugh (Eds.), *Selected Papers from the Stockholm 2008 Metaphor Festival* (Stockholm Studies in English). University of Stokcholm. http://vu-nl.academia.edu/GerardSteen/Papers/272296/When_is_metaphor_deliberate

Vereza, S. C. (2007). Metáfora e argumentação: Uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, 7 (3), 487-506.

MENESES SILVA, ANA SOFIA; *As metáforas no discurso de/sobre André Ventura: as metáforas que constrói André Ventura e as que constroem sobre ele / The metaphors in the speech of/about André Ventura: the metaphors that André Ventura constructs and those constructed about him*
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 12 ANO 2023, PP. 180-213

Vereza, S. (2010). O lócus da metáfora: Linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, 41, 199-212.

Vereza, S. (2013). “Metáfora é que nem...”: Cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, 38(65).
<https://doi.org/10.17058/signo.v38i65.4543>

